

REVISTAS FRANCESAS NO BRASIL CAMINHOS DA MODERNIDADE: CATÁLOGOS E MEDIADORES (RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO, SÉCULOS XIX E XX)

MODERN FRENCH REVIEWS AND MAGAZINES IN BRAZIL:
CATALOGUES AND CULTURAL MEDIATORS (RIO DE
JANEIRO AND SÃO PAULO, 19TH AND 20TH CENTURIES)

Valéria Guimarães *

Correspondência

Departamento de História - FCHS - UNESP
Av. Eufrásia Monteiro Petrágia, 900, Jd. Dr. Antonio Petrágia.
Franca – São Paulo – Brasil. CEP: 14409-160.
E-mail: valeria.s.guimaraes@uol.com.br

Resumo

A partir da análise de vestígios da circulação de impressos periódicos franceses no Brasil dos séculos XIX e início do XX, foi possível identificar títulos que difundiam o imaginário francês da modernidade e do modernismo. Nosso recorte espacial restringe-se às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo cujo mercado editorial, embora tenha tido ritmos de desenvolvimento diversos, são integrados a um mesmo espaço midiático francófono por ação de mediadores culturais como livreiros, bibliotecários e homens de letras em geral. Sob uma perspectiva transnacional, podemos colocar em questão as relações culturais estabelecidas entre a imprensa brasileira e francesa, em um ambiente de marcada francofonia mundial do qual o Brasil fez parte.

Palavras-chave: imprensa periódica; francofonia no Brasil; transnacional.

Abstract

On the basis of traces of the circulation of French periodicals in Brazil in the 19th and 20th centuries, it was possible to identify titles that reflect the French imaginary of modernity and of modernism. Our spatial focus is the publishing market formed by cities Rio de Janeiro and São Paulo that, although they had different development rhythms, were integrated into same francophone media space by cultural mediators such as booksellers, librarians and literary men in general. From a perspective transnational, we can put in question the cultural relationships between the Brazilian and French press, in an atmosphere of strong global Francophony which Brazil was on.

Keywords: periodicals; francophony in Brazil; transnational.

* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Franca). Coordena os projetos “Imprensa Francesa Publicada no Brasil (1854-1924)” (Auxílio Regular/FA-PESP) e “TRANSFOPRESS Brasil – Grupo de Estudos da Imprensa em língua estrangeira no Brasil” (Edital Universal/CNPq).

A circulação de periódicos franceses no Brasil começa antes mesmo da legalização da atividade impressa e há notícias da entrada das primeiras *Gazettes* já em fins da década de 1780, por ocasião do combate à Sociedade Literária do Rio de Janeiro, episódio também conhecido como Inconfidência Carioca. A formação de uma esfera pública nacional também não passa ao largo dos contatos transnacionais estabelecidos com o periodismo francês.¹

Bem difundida desde fins do século XVIII, a francofonia ganhou força em termos globais a partir do século XIX com a formação de um espaço midiático transnacional em que Paris ocupa lugar de destaque, pela sua posição política e econômica, mas, sobretudo pelo fenômeno mais amplo de consolidação ocidental do prestígio cultural francês. Encontra no Brasil um contexto particular que faz com que as intenções visivelmente imperialistas do Estado francês ficassem diluídas na recepção favorável a tudo o que vinha da França, sobretudo no mundo letrado.

Assim foi desde Vila Rica, “ninho de poetas”,² para não parar mais. Se o contato com a Europa dava-se pelos colonizadores ou viagens de estudo a Portugal, logo Paris entra na rota, coincidindo o momento de esgarçamento das relações comerciais com a ascensão da “República das Letras” e a intensa circulação de impressos de língua francesa, o que incluía jornais, publicados não apenas em Paris, mas nas mais variadas partes do mundo, uma vez que o francês tornou-se língua franca.³

A presença das *Gazettes* no Rio de Janeiro demonstra a inserção do Brasil em um espaço midiático que não é restrito às fronteiras políticas e rompe, inclusive, com a barreira colonial. É possível que periódicos franceses continuassem a circular mesmo com as interdições oficiais, mas é apenas com a regulamentação da atividade livreira no país que teremos notícia da entrada sistemática de impressos franceses por intermédio dos livreiros Paulo Martin Filho e seu continuador e primo Jean-Baptiste Bompard, entre outros. De família francesa instalada em Portugal no ramo livreiro, Paulo Martin radicou-se no Brasil provavelmente em 1800, de acordo com Lucia

¹ “Em 1794, o vice-rei, o conde de Resende, promoveu uma investigação entre os membros da ‘Sociedade Literária do Rio de Janeiro’, pois temia que esses intelectuais estivessem fomentando uma revolta contra a Coroa. Eles foram acusados de ler ‘as gazetas francesas e outros discursos sobre a liberdade, louvando muito os franceses e esta mesma liberdade e república (sic)’”. CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas: Intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994, p. 59.

² Brito Broca, citando Duarte Paranhos Schutel, defende a hipótese de que a constituição de um espaço literário no Brasil deu-se antes da constituição da nação, referindo-se à Vila Rica e ao ambiente intelectual da Conjuração Mineira: “Antes do Brasil ter um governo, tinha uma poesia, antes de uma indústria e um comércio, tinha uma literatura; foi uma Arcádia antes de ser uma nação” Duarte Paranhos Schutel In: BROCA, Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos*. Vida Literária e Romantismo Brasileiro. São Paulo: Polis; INL, 1979, p. 31.

³ “La langue française était une langue internationale importante, les publications francophones se développent dans les grandes villes: à Londres, Bruxelles, Amsterdam, Berne, Leyde (Pays-Bas), etc.”. PINSON, G. *La culture médiatique francophone en Europe et en Amérique du Nord – de 1760 à la veille de la Seconde Guerre mondiale*. Québec: Presses de l’Université de Laval, p. 31.

Bastos Neves,⁴ e logo se engajou não só na venda de livros, como na edição de traduções francesas para o português, livros esses impressos no Brasil e vendidos em Portugal. Seu primo e sucessor, Bompard, importante livreiro da Corte entre 1824 e 1827, veiculava acalentados anúncios e catálogos de livros de várias origens, sobretudo franceses, e é possível que esses livreiros também importassem jornais e revistas.

Outros indícios de circulação de jornais franceses podem ser obtidos nos maços da “Mesa do Desembargo do Passo” que estão no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Um suposto Loyfeteur,⁵ livreiro, pede autorização para entrar no país em 1818 com vários impressos, entre eles o *Journal du Temple* (in 8º). Em 1824, Joaquim Bento da Fonseca, recebe autorização de despacho da *Revue Encyclopédique*.⁶ E no processo de Carlos Rudilan é possível ver uma lista de livros declarados pelo mesmo entre os quais constam *Divers Journaux*.⁷

Quando surge, em 1827, o primeiro jornal em francês no Rio de Janeiro, *L'Indépendant – feuille de commerce, politique et littéraire*, o *Diário do Rio de Janeiro* fez uma chamada ao público atribuindo a iniciativa a um grupo de literatos. O prestígio da publicação estaria assegurado justamente por utilizar-se de textos dos “jornais mais acreditados da Europa”, entre eles, o *Courrier*, *Le Constitutionnel*, *Le Moniteur*, *Le Franco Chrétienne*, *Le Journal de Commerce*, *Le Courrier Français*, *Le Journal de Débats*, *Revue Encyclopédique*, *Mercure*, *Corsaire*, *Journal de Bruxelles* etc. “Com tais materiais, o Independente não poderá deixar de ter sucesso” (*Diário do Rio de Janeiro*, 20 abr. 1827).

Aliás, essa foi uma característica da imprensa franco-brasileira em seus primórdios: o conteúdo local ocupava um espaço muito reduzido em relação ao conteúdo estrangeiro dado pelas “reprises”. As reprises eram cópias de trechos de jornais, muitas vezes com a citação da fonte – o que nos permite saber que, mesmo sem haver um afluxo significativo desses periódicos no início do século XIX, o contato com títulos estrangeiros era frequente. Este expediente era muito comum na imprensa e permaneceu mesmo depois da adoção do telégrafo, quando as reprises foram parcialmente substituídas pelos “telegramas”.

Ainda não havia meios de produzir um empreendimento mais complexo. O *modus operandi* era similar ao empregado na imprensa nacional e apenas em meados do século XIX as condições para maior complexidade empresarial se apresentaram, com mais conteúdo nacional. No segundo número do *Indépendant* vem em anexo o *Second Extrait du Catalogue de Librairie de Pierre Plancher-Seignot* (1827) – livreiro francês radicado no Rio de Janeiro em cuja tipografia *L'Indépendant* era impresso. No catálogo quase exclusivamente de livros, aparecem à venda todos os nove volumes da revista política e literária *Minerve Française*, publicada entre 1818 e 1820.

⁴ NEVES, Lucia M. Bastos. As Belas Letras na Livraria de Jean Baptiste Bompard (1824-28). *Revista História (São Paulo)*, v. 32, n. 1, p. 79-98, jan./jun. 2013.

⁵ Mesa do Desembargo do Passo (29 jan. 1818). Tivemos dificuldade em identificar o nome no manuscrito.

⁶ Mesa do Desembargo do Passo (22 mar. 1824).

⁷ Mesa do Desembargo do Passo (22 jan. 1828).

Era um hebdomadário de apoio aos bonapartistas sob a Restauração e o anúncio destacava que trazia os retratos de Benjamin Constant, Pierre-François Tissot entre outros colaboradores. Há outros periódicos como anais, boletins e almanaques nesse catálogo, mas somente *Minerve* pode ser considerada uma revista.

Outra revista francesa com que os brasileiros tiveram contato logo nas primeiras décadas do século XIX foi a *Revue Française – littérature, sciences, beaux-arts, politique, commerce*, que tem início em maio de 1839, durante o Período Regencial, e é a primeira publicação periódica francesa publicada no Brasil que se autodenominava revista. Com periodicidade mensal, tinha dezesseis páginas e seu editor, o francês C. H. Furcy, mostrava-se inicialmente bem animado com a rápida difusão do aprendizado do idioma francês entre os brasileiros e com a francofonia que, a essa altura, estava bem assentada. Em várias ocasiões exaltava esses possíveis leitores e a expansão da cultura francesa no Rio, com a crença de que sua folha seria bem-sucedida. Porém ele chegou ao último número da publicação, um ano e meio depois, decepcionado com os resultados. A edição de abril de 1840 é aberta com a coluna “Confession et Adieu du rédacteur” em que reclamava do pequeno número de assinaturas:

La vérité est que dans un empire où chaque chef-lieu de province a une chaire publique de français, et dans une capitale où la population française est plus considérable que celle de beaucoup de villes de France, la *Revue Française*, après une année d’existence, n’a pu réunir que 47 abonnés, savoir : 15 Brésiliens, 7 Étrangers et 25 Français.

Ele não atribuiu seu fracasso à falta de leitores potenciais,⁸ mas à falta de interesse dos mesmos e, na continuação do texto, à falta de incentivo oficial. Talvez por esse motivo, com o fim de atrair mais assinantes, a *Revue Française* tenha lançado mão da publicação de estampas feitas por C. H. Furcy Filho com a técnica da calcografia (talho-doce), distribuídas junto à publicação, mas que também poderiam ser adquiridas separadamente. O comércio de estampas era bem difundido. Já nos primeiros anos da imprensa no Brasil, em 1815, *A Gazeta do Rio de Janeiro* (2 ago. 1815) avisava que em sua loja estavam à venda estampas de Luiz XVIII, da família Real dos Bourbons, “uma estampa representando as augustas vítimas da infelicidade, Luiz XVI, Luiz XVII, Maria Antoniette...” entre várias outras, coloridas ou não. Retratos semelhantes, bem como vistas de paisagens e outros símbolos da civilização parisiense, seriam comuns nas futuras revistas ilustradas e Furcy provavelmente lançou mão das imagens como forma de atrair público.

Nos encartes ilustrados da *Revue Française* de Furcy, representações de cenas históricas e de novelas e retratos de autoridades eram expostos em grande estilo, acompanhados de legendas. E na primeira página da revista vinha a explicação das

⁸ Ver MARTINS, A. L. *Revistas em revista*. Imprensa e práticas culturais em tempos de República. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp, Fapesp, 2001, p. 59-60.

gravuras, convidando o leitor que tivesse ficado interessado apenas na imagem a ler também o jornal. Era pela imagem que se tentava chegar ao leitor em formação, sobretudo aquele que se arriscava nas primeiras letras do francês.

A tentativa de conquistar o leitor antes pela imagem que pelo texto, era estratégia recorrente na imprensa ilustrada em geral e provavelmente o recurso era ainda mais necessário quando o texto vinha em língua estrangeira. Alguns autores atribuem o alto número de revistas ilustradas no Segundo Império justamente a esse poder que a imagem tem na multiplicação dos leitores, que podem acessar a informação mesmo sem saber ler.⁹

Controvérsias sobre a definição conceitual de “revista”, porém, fazem Rafael Cardoso observar, de maneira muito pertinente, que talvez possamos considerar o hebdomadário *L'Écho Français – bulletin politique, littéraire, des sciences et des arts*, como a primeira revista francesa impressa no Brasil e uma das primeiras revistas ilustradas que por aqui existiram. Editado pelo francês Jules Villeneuve (mesmo editor do *Jornal do Comércio* e da revista ilustrada *O Museu Universal*), o *Écho Français* vem à luz em 1838 com oito páginas e uma grande imagem em talho-doce exibida na seção “Variedades”. O autor recupera a importância desse periódico, com o emprego pioneiro de ilustração, o qual fora negligenciado por compêndios clássicos da história da imprensa brasileira pelo simples fato de ser impresso em língua estrangeira¹⁰. No segundo e último ano da publicação, 1839, Villeneuve foi sucedido por nada menos que C. H. Furcy, mas logo a publicação é encerrada. A técnica empregada na ilustração (a mesma usada pelo filho de Furcy), assim como a presença de C. H. Furcy, o pai, como parceiro e sucessor de Villeneuve, faz crer que a *Revue Française* foi uma espécie de sucessora do hebdomadário *L'Écho Français*. Ambas as publicações foram precursoras no gênero no Brasil e estão entre os primeiros periódicos franceses que podemos chamar de revista a estarem disponíveis aos leitores brasileiros.

Era possível notar que durante o Primeiro Reinado o comércio de livros franceses estava consolidado e era numeroso, enquanto que o de periódicos era bem tímido, embora já existisse. Por outro lado, o leitor estava exposto à circulação do conteúdo das revistas e jornais franceses, mesmo sem ter contato direto com o suporte, por meio de citações, indicações, comentários, reprises etc.

⁹ Cf. KNAUSS, P. et al. *Revistas Ilustradas – modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj, 2011. Fenômeno esse que se estende pelo século XIX afora, alcançando o século XX: “A modalidade *revista ilustrada* passou a ser preferencial da população leitora”, segundo MARTINS, A.L. *Revistas em revista, Op. cit.*, p. 41.

¹⁰ “Se a recepção e a circulação são chaves para compreender a representatividade de um objeto de comunicação, a importância de sua origem deve ser relativizada. (...) Tais impressos (em língua estrangeira) também costumam ser objeto de lamentável negligência, e o maior exemplo é nada menos do que a outra das duas primeiras revistas ilustradas publicadas no Brasil: *L'Écho Français*, editado por J. Villeneuve et Cia. a partir de 1838, mesmo ano e mesma editora de *O Museu Universal*”. CARDOSO, R. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado In: KNAUSS, P. et al. *Revistas Ilustradas, Op. cit.*, p. 22.

A francofonia era notável, para o que contribuiu a vinda da Missão Artística Francesa em 1816, sem dúvida. Mas no âmbito da sua penetração mais ampla e em seus aspectos políticos, a imprensa francesa talvez tenha exercido um papel mais central, tendo como mediadores livreiros, editores, escritores-jornalistas e homens de letras que forjaram, ao lado de brasileiros e na lide com a palavra escrita, a identidade nacional da jovem nação que jogava com os elementos provenientes do universo francês.¹¹ O ideário de nação brasileira, assim, constitui-se sobre um imaginário em que a França exercia o “papel civilizatório” proveniente dos ideais do Iluminismo, em contraponto às figuras imperialistas representadas por Portugal e Grã-Bretanha. O impresso era um dos vetores dessa modernidade, em particular o impresso periódico, dada sua eficácia e centralidade na integração cultural que exerceu nessa época. Se as *Gazettes* serviram melhor a uma integração da elite letrada por meio do compartilhamento de informações de cunho universal, a imprensa que vai se consolidando após a Revolução Francesa até fins do século XIX expressa os preceitos do Estado Moderno¹² e, por consequência, da modernidade europeia. É essa imprensa que vai circular no Brasil.

Revistas e revistas: *savantes*, magazines etc.

Ao lado dos jornais, a circulação de revistas francesas importadas aumenta, acompanhando o incremento do mercado editorial interno que se diversifica. Vimos acima exemplos pioneiros que prepararam o terreno para boa recepção das revistas que difundiam as concepções de modernidade as quais avançavam na Europa e que atingiam o Brasil antes pelo imaginário que pelas mudanças sociais efetivas. Muitos outros títulos entraram no país durante o século XIX, a julgar pelos vestígios que nos chegaram. Se os catálogos publicados em jornais não nos dão uma série confiável, visto suas falhas e determinações impostas pelas escolhas feitas por seus compiladores, como os livreiros, menos ainda são garantia de que a leitura era efetiva. Ainda assim, eles nos dão uma ideia do que os mediadores julgavam ser importante colocar à disposição do leitor.

As designações *Journal* e *Revue*, por outro lado, não são claras e ganham contornos particulares na França. Sabemos que revista é um impresso com peculiaridades. Trata-se, assim como o jornal, de uma coletânea de informações, mas, ao contrário do diário ou hebdomadário, é feita uma seleção para uma publicação que é, em geral, mensal. Além da periodicidade, o que implica no tipo de informação que

¹¹ CAPARELLI, André. Identidade e alteridade nacionais: transferências culturais na imprensa brasileira do século XIX. In: GUIMARÃES, Valéria (Org.). *Transferências culturais: o exemplo da França e do Brasil*. São Paulo/Campinas: Edusp, Mercado de Letras, 2012, p. 25-38.

¹² THÉRENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien – poétiques journalistiques au XIX^e siècle*. Paris: Ed. Seul, 2007.

vai colocar a circular, o formato da revista também é diferente. A revista é um artefato cultural que fica entre o livro (perene e símbolo de prestígio) e o jornal (efêmero e pressionado pela atualidade).¹³

Vemos que esses objetos de leitura, cujas periodicidades e formas são muito variáveis entre si, mostram uma necessidade de adequação ao público leitor, oferecendo preços menores que o livro sendo, além disso, muitas vezes um objeto mais atraente quer pela diagramação, quer pelo conteúdo diferenciado, quer pela profusão de imagens exibidas ao leitor, da ilustração à fotografia. Todavia, a distinção e singularidade da definição de revista em relação ao livro e ao jornal não basta para nossa análise. Há revistas de natureza muito distinta.

Um exemplo é o *Recueil périodique* ou coletânea periódica, invenção britânica que teve fases diversas na França. No início do século XIX o *Recueil* aproximava-se mais do formato do livro, com paginação contínua de um número a outro, artigos separados apenas por um fio, sem publicidade, periodicidade raramente indicada. Aos poucos, durante o mesmo século XIX, o *Recueil périodique* foi se distinguindo em *Revue* e *Magazine*.

A *Revue* aponta para o conteúdo letrado, periodicidade longa (mensal, trimestral, anual), textos longos e consistentes, muitas vezes de teor científico ou literário como as *Revues savantes* (revistas eruditas). A variedade de informações, característica do periódico, não visava entreter, mas informar. Ainda que apresentando menos prestígio que um livro, as *Revues* o tinham, sempre, como referência.

Já a *Magazine* mostra outra tendência, a começar pela periodicidade reduzida de um hebdomadário, abarcando um tempo mais curto, por vezes quinzenal, no máximo mensal. O formato era *in-folio*, ao invés de 1/8 ou 1/4 (reservadas às *Revues*). Tinham as *Magazines* mais colunas, fios, imagens, elementos gráficos, diagramação ousada e arejada, textos mais breves que ensinavam entretendo, contemplando, então, muito mais variedade. Não se trata de uma divisão cronológica, pois vemos *Revues* sendo publicadas mesmo após a maior difusão de *Magazines*, como é possível observar nos catálogos.

Há ainda um terceiro tipo de revista, aberta a iniciativas mais experimentais e que os franceses chamavam de *Petites revues*. Saídas dos movimentos literários e artísticos de vanguarda, normalmente com pequenas tiragens, poucos números, projetos muito mais ousados podem ser identificadas com as revistas modernistas que traziam consigo referências que fugiam aos modelos já bem estabelecidos das *Revues* e *Magazines*.¹⁴

¹³ Cf. PORTEBOIS, Yannick; SPEIRS, Dorothy. *Entre le livre et le journal*. Lyon: ENS Éditions (2 vols.). Para a dimensão temporal que expressa as relações entre livro, jornal e revista ver: VELLOSO, M. P. As distintas retóricas do moderno In: OLIVEIRA, C.; VELLOSO, M. P.; LINS, Vera. *O Moderno em revistas – representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, FAPERJ, p. 43.

¹⁴ Cf. PORTEBOIS, Yannick; SPEIRS, Dorothy. *Entre le livre et le journal*, *Op. cit.* DIDIER, Bénédicte. *Petites revues et esprit bohème à la fin du XIX^e siècle (1878-1889)*. Paris: l'Harmattan, 2009. MOLLIER, J.Y. et al. *La Belle Époque des revues, 1880-1914*. Paris: IMEC, 2012. MARTINS, A. L. *Revistas em revista, Op. cit.*, em especial o cap. 1. *Revistas, hebdomadários e magazines*, p. 37-110.

Revistas francesas no Brasil

A circulação de periódicos franceses no Brasil não se dava apenas pela demanda ditada por uma sensível francofonia. Ela era resultado do escoamento de periódicos para o mercado exterior, resultado do fenômeno das grandes tiragens que então se consolidava na França e que alcançou seu ápice entre meados do século XIX e princípios do XX. Nossa pesquisa listou um extenso corpus de periódicos franceses, levantado com ajuda das informações contidas em catálogos de livreiros e de bibliotecas públicas, além de outros registros como propagandas, anúncios, indicações de leitura feitas por homens de letras em diversos veículos entre outros. Cabe notar que, no que diz respeito aos catálogos, trabalhamos somente com exemplares antigos, pois estamos interessados no que circulava na época e não no que os acervos de fato conservaram. Metodologia semelhante tem sido aplicada por pesquisadores da história do livro, a fim de inventariar o material disponível para a leitura em determinado recorte espaço-temporal ou mesmo com foco mais específico em determinada coleção.¹⁵ No caso das revistas, o trabalho mais exemplar e de grande contribuição para o nosso é de Ana Luiza Martins, mas é mister observar que a autora utilizou catálogos de coleções particulares e privilegiou o acervo físico de bibliotecas consultadas – ou seja, ela não se ateuve, necessariamente, aos catálogos antigos.¹⁶

Os catálogos podem trazer informações relacionadas à comercialização dos artefatos culturais – no nosso caso jornais e revistas. São vestígios que nos revelam um pouco mais sobre os caminhos que tomam os periódicos nos âmbitos da distribuição, circulação e venda, mostrando como se davam as práticas comerciais e as formas de classificação e descrição. Com a pesquisa nos catálogos antigos e outros vestígios de uma provável prática de leitura de revistas francesas entre 1800 e 1930, obtivemos cerca de 500 títulos diferentes¹⁷ que podem ser classificados nas categorias mais variadas, incluindo ilustrados, políticos, de moda, religiosos, científicos (engenharia, agricultura, medicina), sendo cada categoria dessa desdobrada em várias outras; classificação que foi ditada pela própria natureza das fontes e, por vezes, com a ajuda de critérios estabelecidos por livreiros como Anatole Louis Garraux que dividia suas ofertas em categorias, as quais nos foram muito úteis.

Com tal afluxo de ofertas, leitores que se encontravam no país, brasileiros ou não, poderiam ir tomando conhecimento das revistas francesas por ação desses mediadores que: disponibilizavam suas listas de periódicos aos clientes por meio de catálogos que vinham encartados em livros, eram enviados aos assinantes, distribuídos

¹⁵ SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na Corte Imperial*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999. BASTOS, M. L. As Belas Letras, *Op. Cit.*; FERREIRA, Tania Bessone. A Biblioteca de Rui Barbosa no Palácio dos Livros. In: FEDER, Lia Baião; LEITÃO, Silvana Holanda de M.; VIRUEZ, Guilma V. (Orgs.). *Catálogo da Biblioteca de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 28-50; MIDORI, M. *O império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo Oitocentista*. SP: Edusp/FAPESP, 2011.

¹⁶ MARTINS, A. L. *Revistas em revista, Op. cit.*

¹⁷ Muitos eram citados em mais de um catálogo.

nas livrarias ou anunciados em jornais de maior circulação, como os livreiros; escolhiam os títulos para os fundos de arquivos e bibliotecas, como os bibliotecários; distribuíam-nas como brindes, como faziam editores e jornalistas; ou simplesmente indicavam sua leitura, como os homens de letras em geral. Interessante observar que, via de regra, os periódicos franceses eram sempre em maior número em relação aos títulos em outras línguas estrangeiras, seja em catálogos de assinaturas e vendas avulsas, seja naqueles dos acervos, como já tratamos em outra ocasião.¹⁸

Os catálogos de livreiros que anunciavam periódicos, como o catálogo da Livraria Pierre Plancher-Seignot citado acima, foram importantes, pois nos davam uma ideia do que era possível adquirir através de assinaturas. As escolhas dos livreiros, em geral ditadas pela questão financeira, tentavam responder a uma suposta receptividade, mas também revelava uma tendência a inculcar hábitos de leitura. Se a publicação de revistas se iniciou no Brasil desde os anos de 1830, havia, no entanto, uma demanda represada, pois o mercado editorial português não dava conta de suprir o recente e ávido leitorado brasileiro que, mesmo tímido, não parava de crescer.¹⁹ É esse o mercado que os livreiros visavam explorar com publicações estrangeiras.

O catálogo de impressos parisienses que o livreiro Jean Baptiste Garnier disponibilizava no Rio de Janeiro comprova a existência de demanda em diversas áreas em 1860, desde impressos relativos às áreas técnicas e profissionais (*Journal des Économistes, Gazette des Hôpitaux, Gazette Médicale, Journal de Pharmacie*), revistas eruditas e literárias (*Revue de Deux Mondes, Cosmos*), ilustradas e entretenimento (*Le Monde Illustré, Univers Illustré, Journal Amusant*), de moda (*Conseiller des Dames et des Demoiselles, L'Élégant, Journal de Tailleurs, Le Bon Ton, Journal des Demoiselles, Magasin des Demoiselles, Le Monde Élégant, Petit Courrier des Dames, Les Modes françaises – Journal des Tailleurs*) contemplando vários tipos de públicos, do masculino ao feminino, do leitor de generalidades ao especialista. Esse desfilar de títulos formava uma verdadeira galeria da cultura francesa, uma vez que cada catálogo mostrava o que estava circulando em cada época.

¹⁸ GUIMARÃES, Valéria. Du paquebot au télégraphe: la presse populaire étrangère au Brésil au tournant du XX^e siècle. In: COOPER-RICHET, Diana; MOLLIER, Jean-Yves. (OrgS.). *Le Commerce Transatlantique de Librairie, un des fondements de la mondialisation culturelle (France, Portugal, Brésil, XVIII-XX Siècle)*. Campinas: Publiel, 2012, p. 149-162. Disponível em: http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/LE_COMMERCE_TRANSATLANTIQUE.pdf

¹⁹ CARDOSO, R. Projeto gráfico e meio editorial, *Op. cit.*



Figuras 1 e 2. *Le Monde Illustré - journal hebdomadaire* (Paris, 7 jan. 1860) traz a imagem de Marianne cercada de trabalhadores que assomam à Paris para construí-la, mostrando seu crescimento: “*Agrandissement de Paris*”. *Le Journal Amusant - journal illustré, journal d’images, journal comique, critique, satirique, etc.* (Paris, 21 jan. 1860) traz esquetes de Paris feita pelo famoso caricaturista Félix Nadar, que também foi jornalista, fotógrafo e incentivador do impressionismo. A julgar pela presença constante em catálogos, foram sucesso entre os leitores brasileiros. *Le Monde Illustré* estava entre os títulos disponíveis no catálogo de assinaturas do livreiro francês B. Garnier (RJ, 1860), de Ricardo Matthes (SP, 1876), de Victor Marks (RJ, 1908) e da Biblioteca da Marinha (Rio de Janeiro, 1904) e *Le Journal Amusant* estava entre os títulos disponíveis no catálogo de B. Garnier (RJ, 1860), Ricardo Matthes (SP, 1876), de A. L. Garraux (SP/PE/Paris, 1866; SP, 1876; SP, 1878), de Lombaerts (RJ, 1887).

No catálogo de fevereiro de 1860, o livreiro francês disponibilizava revistas eruditas e literárias como a *Revue de Deux Mondes* ou a revista científica *Cosmos* ao lado de periódicos ilustrados como *Journal Amusant* ou *Le Monde Illustré - journal hebdomadaire*, os quais, mesmo denominados jornais e apresentando grande formato, anteciparam as magazines, e são consideradas como revistas ilustradas por especialistas.²⁰ O *Journal Amusant* ainda tem uma particularidade: ele dava amplo espaço às imagens e apresenta nessa edição, por exemplo, quadros dispostos em sequência ocupando cinco das oito páginas desta edição, uma espécie de antepassado das histórias em quadrinhos. Os desenhos são de Félix Nadar, personalidade das mais dinâmicas, que também era jornalista, romancista e fez um dos primeiros voos em dirigível. Além de ficar conhecido como fotógrafo de várias personalidades como Charles Baudelaire, Victor Hugo, Mikhail Bakunin, Gustave Doré, Richard Wagner entre muitos outros. Tudo começou com o *Journal pour rire* (1848-1855), fundado

²⁰ CARDOSO, R. Projeto gráfico e meio editorial, *Op. cit.*, p. 25.

por Charles Philipon em Paris como um periódico humorístico publicado em quatro páginas de grande formato, que, por sua vez, divide-se em duas publicações em 1856, sendo uma delas o *Journal Amusant* (1856-1933), sua continuação, e por uma versão mais barata e popular, *Le Petit Journal pour Rire* (1856-1904), que também teve Nadar como um dos seus empreendedores.

A levar em conta os catálogos de livreiros, a publicação iniciada por C. Philipon fazia sucesso não só em Paris, mas também entre os brasileiros. Assim, se a primeira publicação em que quadros sucessivos de imagens aparecem no Brasil é a *Revista Illustrada* (1876-1898) de Angelo Agostini,²¹ os brasileiros já estavam familiarizados com o formato ao menos quinze anos antes, por meio da ação do livreiro francês Baptiste Louis Garnier.

Já o *Le Monde Illustré* faz parte da linhagem inaugurada por *Le Charivari* (Paris, 1832-1937), que foi reproduzida pelas inglesas *Punch* (1841-2002) e *The Illustrated London News* (1842-2003), ambas de Londres, cujo formato parece ter ganhado o mundo com as várias revistas ilustradas francesas que usavam variações do epíteto *Illustration*, também muito recorrentes na produção lusófona, incluindo a brasileira, cujas primeiras revistas ilustradas seguiam essas matrizes. Não é à toa, portanto, que os catálogos dos livreiros tenham, entre as publicações que podemos chamar de revistas, variantes das *Illustrations* francesas.

A difusão do imaginário da modernidade pelos impressos franceses se fazia notar já no século XIX. A palavra-chave parecia ser “civilização” e “civilizado”²² e as revistas assim difundiam um ideal de educação, bons modos, costumes, moda e comportamento calcado nos padrões franceses. Publicações ilustradas tinham grande prestígio – o que já era possível verificar no aquecido e já tradicional comércio de estampas.²³

No catálogo de 1866, de outro livreiro francês, situado em São Paulo, Anatole Louis Garraux, com 95 periódicos ofertados para assinatura, constavam várias revistas classificadas por ele como literárias: *Revue Britannique*, *Revue des Deux Mondes*, *Revue Germanique*, *Revue Contemporaine*. As *revues savantes* sempre tiveram espaço nos catálogos desses livreiros, como vemos pela recorrência da *Revue*

²¹ “A França sempre fora nossa referencia cultural, a influência mais forte nas letras do País e seus impressos tinham colocação garantida no Brasil. (...) Inspiração de nosso periodismo, as revistas francesas constituíram-se em suas matrizes por excelência”, p. 77. A autora ainda afirma que a revista de Agostini era assumidamente inspirada na *Illustration Française* de Paris. MARTINS, A. L. *Revistas em revista*, p. 78.

²² Norbert Elias esclarece as diferentes acepções da palavra “civilização” e a conotação de refinamento nos moldes franceses que ela ganha, inclusive entre os alemães: “Seu aspecto principal é um contraste interno na sociedade, um contraste social que, apesar de tudo, porta dentro de si, de forma significativa, o germe do contraste nacional: o contraste entre a nobreza cortesã, que usava predominantemente a língua francesa e era ‘civilizada’ segundo o modelo francês, e um estrato de *intelligentsia* de classe média...”. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Vol. 1: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 27.

²³ Vistosos catálogos da Livraria B. L. Garnier de 1855 no *Diário do Rio de Janeiro*, por exemplo, anunciavam a venda de novelas com estampas, o que era destacado como diferencial: “Novelas ilustradas com numerosas e lindíssimas estampas, mais barato que qualquer outra edição, mesmo sem estampas” (DRJ, 17 jan. 1855).

des Deux Mondes,²⁴ embora muito mais numerosas eram as que Garraux classificava como periódicos ilustrados e de literatura: *Magasin Pittoresque*, *Monde Illustré*, *Musé des Familles*, *Tour du Monde*, *Univers Illustré*, *Charivari*, *Illustration Française*, *Journal Amusant* que concorriam na pródiga oferta com as revistas de moda, também recheadas de imagens e dicas de comportamento como *Conseiller de Dames et des Demoiselles*, *Moniteur de Dames et des Demoiselles*, *Le Courrier de la Mode*, *Élégant*, *Magasin des Demoiselles*, *Mode Illustrée*, *Modes françaises*, *Monde Élégant* entre outros. Esses jornais de moda, muitas vezes explicitamente voltados às mulheres, difundiam um padrão de comportamento europeizado e burguês que esteve presente nas publicações brasileiras de maneira recorrente.

Em menor número, no catálogo de Garraux de 1866 ainda havia revistas de religião (*Revue Catholique*, *Semaine religieuse* e outros) e publicações científicas, versando sobre assuntos mais específicos como revistas de Direito (*Revue de Droits Commercial*, *Revue Historique de Droit français et étranger* etc.), de História e Geografia (*Revue africaine*, *Revue l'Oriental* etc.), Economia política, comércio e finanças (*Revue de Commerce*, *Revue de Monde Colonial*), Ciências (*Journal des Sciences*, *Journal des Savants*), Medicina (*France Médicale*, *Art dentaire* etc.), Ciências Naturais (*Cosmos*), Arte Militar (*Moniteur de l'Armée*, *Armée Illustrée*, *Illustration Militaire*), Marinha (*Revue Maritime*), Belas Artes (*Artiste*, *Lumière-Revue de la Photographie*, *Ménestrel*, *Moniteur des Arts*, *Revue archéologique*, *Revue des Gazettes des Théâtres*, *Revue photographique*), educação (*Moniteur de la Jeunesse*, *Ami de l'enfance*) e ainda jornais de tecnologia e agricultura.

Aqui citamos apenas títulos que se autodenominavam revistas ou que sabemos que tinham característica de revista (caso dos jornais de ciência que têm formato de *revues savantes*, dos periódicos que usam a expressão “ilustração” e os de moda), pois o catálogo de Garraux de 1866, é muito mais extenso.

A classificação proposta por ele, a qual reproduzimos acima, demonstra que a segmentação do mercado de revistas era cada vez maior. Percebe-se também que a variedade de títulos aumenta em relação aos periódicos ofertados anos antes por Garnier no Rio, em 1860, e observamos que essa tendência se acentuou no fim do século XIX para atingir um pico nas primeiras décadas do século seguinte. Nota-se que São Paulo não estava em grande descompasso com a Corte quando se trata de periódicos estrangeiros, graças a Garraux, reafirmando nossa hipótese de que as duas cidades formavam um espaço midiático com referências compartilhadas, ao menos no que diz respeito à francofonia difundida pelos jornais e revistas.

Outros dois catálogos de 1876, um de Garraux e outro da Livraria Brasileira-Alemã de Ricardo Matthes, ambos publicados no jornal *A Província de S. Paulo* (o que nos leva a crer que disputavam o mesmo público) também mostram a predomi-

²⁴ Em outro catálogo das casas Garraux a *Revue des Deux Mondes* é classificada como periódico político, deixando claro que não era fácil adotar uma classificação precisa para esses periódicos, mesmo entre os contemporâneos e experientes livreiros como Garraux.

nância de periódicos franceses ilustrados e de moda, entre os quais muitos no formato revista. Em ambos os catálogos aparecem novamente sucessos da rubrica de periódicos ilustrados como *Journal Amusant*, *Le Petit Journal pour Rire* e *Le Monde Illustré* ao lado de novos títulos.

O catálogo de periódicos em língua estrangeira do livreiro belga Lombaerts de 1887, que era distribuído como encarte pela revista *La Saison*,²⁵ trazia trinta títulos em francês, muitos deles encontrados nos catálogos anteriores como *Magasin des Demoiselles*, *Mode Illustrée*, *Journal Amusant*, *Revue Maritime*, *Revue Britannique*, *Revue des Deux Mondes*, *La Saison*, *Nouvelle Revue*, *L'Illustration* etc.²⁶ Alguns, porém, são novidade como a revista *Vie Moderne* que foi editada em Paris entre 1879 e 1883. Embora não tenha sido longeva, o epíteto de “moderna” já mostrava o espírito dos novos tempos.

Claro está que nosso levantamento não tem intenção de ter precisão estatística nem se pretende exaustivo. Mas à medida que avançamos para o século XX, os catálogos de livreiros anunciando periódicos tornavam-se mais escassos nos jornais – o que não quer dizer que a oferta tenha, necessariamente, diminuído. Porém, passamos a encontrar mais referências a periódicos franceses nos catálogos de acervos de bibliotecas. Daí supor-se que é possível que a produção nacional de jornais e, sobretudo, de revistas tenha suprido a demanda interna, e as importações tenham diminuído para a venda avulsa ou por assinaturas. Os principais assinantes passam a ser os bibliotecários que suprem os fundos de bibliotecas e arquivos com as especialidades que julgam mais interessantes a seu público.

Entre os poucos catálogos de livreiros que encontramos, percebemos uma mudança nos tipos de revistas ofertados. Com o ritmo acelerado do fim do século, as revistas francesas ganham em dinamismo e esses catálogos começam a trazer novos títulos. Alguns dos símbolos mais caros à modernidade, a mudança, aparece de maneira crescente nas imagens e textos. No Brasil, grupos dividem-se entre a exaltação da modernidade científico-tecnológica (mais idealizada que vivida) e a resistência à estética da racionalidade que se impõe na cultura ocidental, como os simbolistas. Mas todos celebravam o “novo” em uma rejeição crescente à tradição e ao passado,

²⁵ *La Saison - journal illustré des dames* era a edição francesa da matriz original alemã *Die Modenwelt*, impressa desde 1885 e publicada em 13 línguas. Ela era vendida no Brasil na mesma época da edição brasileira *La Saison - edição para o Brasil*, que foi posteriormente publicada seguindo a sequência numérica com o título *A Estação*. Eram três títulos que usavam da mesma matriz, incluindo os mesmos figurinos de moda e moldes de corte e costura, além de matéria literária, com a participação de escritores de prestígio como Machado de Assis. Assim, tínhamos circulando no Brasil ao mesmo tempo: 1. A edição francesa *La Saison: Journal Illustré de Dames* publicada entre 1867 e 1909; 2. A edição *La Saison: edição para o Brasil* entre 1872 e 1878; 3. E *A Estação: jornal ilustrado para a família*, editada em português pela Livraria Lombaerts entre 1879 e 1904. Para mais esclarecimentos, consultar MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993 e SILVA, Ana Cláudia Suriani da. From Germany to Brazil: the history of the fashion magazine *A Estação*, an international interprise. In: FRASER, Robert; HAMMOND, Mary. *Books without borders* Vol.1- The cross-national dimension in print culture. London: Palgrave UK, 2008.

²⁶ Vários desses títulos estavam em catálogos anteriores de Garraux (1876) ou Ricardo Matthes (1876) que não citamos aqui por falta de espaço.

projetavam-se para o futuro e tinham nas revistas o suporte ideal para a expressão da nova sensibilidade.²⁷

A modernidade pode ser entendida como um conjunto de processos decorrentes das revoluções industriais, trazendo a reboque todo um modo de encarar o mundo, um mundo que já não pode ser visto ou retratado sem que seja feita alusão à máquina e à racionalidade tecnológica. Sua expressão estética, o modernismo, desdobra-se, assim, na ruptura com as formas tradicionais da expressão artística ocidental, em um pulsante movimento internacional que promove o afastamento dos cânones estéticos figurativos, numa busca constante por mudança e pela exteriorização das transformações vertiginosas pelas quais se viu abalroado o homem do início da passagem para o século XX.²⁸

O processo paradoxal pelo qual o Brasil se insere nesse contexto favorece a sensação de que a mudança se efetivaria com a abolição da escravidão, a queda do Império, a instauração da República, além de todos os avanços tecnológicos pelo qual a jovem nação é tocada, por meio das importações de excedentes das potências econômicas, embora a reconfiguração profunda da sociedade que alguns esperassem nunca tenha ocorrido de fato. A decepção logo se traduziu em protestos de todo tipo, inclusive com falta de adesão ao entusiasmo modernizador. Mas o crescimento urbano acelerado de algumas cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, em decorrência do novo papel ocupado pela jovem nação na economia internacional, somado ao grande afluxo de imigrantes, que incrementou o cosmopolitismo da capital e reconfigurou a provinciana São Paulo, não deixava espaço para que o “novo” não fosse celebrado. O núcleo era a cidade cujo desvario a transformava a um só tempo em cenário e personagem, paisagem urbana, sonora e movimentada, barulhenta e movida pelo café, que seria tão bem traduzida nos versos modernistas.

Sintonizadas com a sensibilidade do “novo”, as revistas de moda são paradigmáticas na difusão das ideias de modernidade e civilidade não só pelo próprio caráter de “efêmero” característico do fenômeno da moda, mas também por ser a indumentária a forma mais contundente de expressar o *status* ligado à novidade e, portanto, de permitir a certos grupos de se impor como os mais atualizados com as mudanças para os tempos que se anunciavam ou, como se dizia à época, *au dernier bateau*.

Ao mesmo tempo em que difundiam as mais recentes novidades, as revistas francesas de moda serviam de exemplo de como se constituía o espaço midiático francófono – em um processo não linear que remonta ao início do século XIX. Na primeira revista de moda publicada no Brasil, a *Museu Universal – jornal das famílias brasileiras* (RJ, 1838), os textos e ilustrações eram criados no exterior e adaptados para o leitor brasileiro por Jules Villeneuve.²⁹ O *Correio das Modas – jornal crítico e*

²⁷ Ver LINS, Vera. *Em revistas, o símbolo e a virada do século* In: OLIVEIRA, C.; VELLOSO, M. P.; LINS, Vera. *O Moderno em revistas, Op. cit.*, e VELLOSO, M. P. As distintas retóricas do moderno, *Op. cit.*

²⁸ GAY, Peter. *Modernismo: o fascínio da heresia – de Baudelaire a Beckett e mais um pouco*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009. HARRISON, Charles. *Modernismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

²⁹ CARDOSO, R. Projeto gráfico e meio editorial, *Op. cit.*, p. 20.

literário (RJ, 1839-1840) que se encaixa nesse exemplo, era, inclusive, impresso em Paris pelos alemães irmãos Laemmert,³⁰ assim como o *Jornal das Famílias* (1863-1878), era impresso em Paris por seu maior concorrente Garnier.

Mas talvez um dos principais exemplos para a compreensão desse circuito integrado de informação seja a revista *A Estação, jornal ilustrado para a família* (1879-1904). Editada no Brasil pelos irmãos Lombaerts, livreiros belgas radicados no Rio, era a versão brasileira da revista *La Saison*, que por sua vez, era a versão francesa da alemã *Die Modenwelt* desde 1865, que aparecia em treze línguas diferentes.³¹ O mesmo se dá com *L'Élegant* (1835-1881) que lembra o caso de *La Saison*. Impresso em várias línguas (como espanhol, italiano, alemão, inglês – na Inglaterra e nos Estados Unidos – e no francês), chega ao Brasil no idioma francês. Porém, ele é parisiense e não de matriz estrangeira, como a *Die Modenwelt*.

O que queremos destacar, todavia, é que, mesmo que a matriz seja alemã (como *La Saison - Die Modenwelt*) ou que haja versões traduzidas em vários idiomas, essas revistas de moda eram sempre tratadas como revistas francesas. Ambas as publicações, *La Saison* e *L'Élegant* estavam disponíveis aos leitores brasileiros nos catálogos que analisamos de Garnier, em 1860, e de Garraux, de 1866, 1876 e 1878. E a adaptação que se tentava fazer para o público local, sobretudo em sua parte literária, caso da versão brasileira *A Estação*, não afastava o forte acento francês dessas produções. Por esse motivo eram muito exemplares da predominância francófona na sociedade midiática de então, ao mesmo tempo que traduziam melhor que qualquer veículo a busca constante pelas “novidades” e pelos padrões de elegância franceses, característicos da modernidade.

Alguns autores destacam que o imaginário que publicações como essas propagam tinham um cunho conservador. Na nossa opinião, seria anacronismo insistir nesse ponto. Para os contemporâneos, a ideia de “elegância”, a qual se torna símbolo exterior de “civilização” e de “modernidade”, impõe-se como a que melhor traduz as aspirações de progresso europeizado da elite brasileira na época.

Senhoras e Senhores! O progresso exige o triunfo da elegância com seus mil aspectos. E não é artista quem despreza as superficialidades múltiplas, galantes, engenhosas (...). Ora pois, que esse jornal vem acariciar finalmente as propensões da época, o amor do modernismo, do *chic* e da moda”.

A Vida Elegante – o jornal das senhoras (13 mar. 1909)

Presentes já no século XIX, como vimos, palavras como progresso, elegância, modernismo, chique e moda reconfiguram-se com os novos tempos inaugurados com a revolução científico-tecnológica ocorrida em solo europeu em fins do século XIX que reverberava no Brasil por meio de tentativas sôfregas de se ajustar aos ditames do “moderno”. Difundir o triunfo das conquistas da expansão colonial ao lado das descobertas científicas como forma de impor sua superioridade se revelava como

³⁰ SILVA, A. C. S. From Germany to Brazil, *Op. cit.*, p. 70.

³¹ *Ibidem*.

outro aspecto dessa circulação do impresso ilustrado importado no Brasil, que se dava tanto pela importação do suporte como dos clichês e imagens, visto as restrições técnicas nacionais.³²

Os imaginários sociais compõem uma diversidade de referências no seio do amplo sistema simbólico que as coletividades são capazes de produzir. Elas são uma forma eficiente de controle da coletividade e um meio de legitimação do poder desses indivíduos. Com as imagens, os costumes são tocados pelas formas de sociabilidade franceses. De outro lado, sem dúvida, a adoção dos modelos franceses na moda, maneira evidente de expor a posição social, era mais que uma cópia, mas uma forma de tornar-se diferente face ao contexto de pobreza dominante nas cidades brasileiras. E até por isso abriu caminho à resistência e à sátira,³³ que, pela chave da inversão, denuncia o descompasso entre a modernidade desejada e a realidade possível.

Revistas francesas publicadas no Brasil

Vimos que alguns editores imprimiam revistas brasileiras na França ou editavam versões nacionais de matriz importada, caso das revistas de moda. Ana Luiza Martins chega a afirmar que, no limite, poderíamos mesmo considerar o primeiro “jornal” brasileiro *Correio Brasiliense*, *Armazém Literário* (1808-1822) como a primeira “revista” brasileira impressa no estrangeiro, visto seu formato semelhante a uma revista *savante* e ao nome “armazém” que remete a magazine, o que nos leva à já aqui discutida confusão terminológica entre jornal e revista. Porém, ao falar sobre a produção periódica brasileira impressa fora das fronteiras nacionais, a autora destaca um exemplo recorrente, a revista romântica *Nitheroy*, impressa em Paris em 1836, que seria precursora desse cruzamento dos mares.

Ela atribui esse movimento a vários fatores, entre eles, à censura (o *Correio Brasiliense*, como se sabe, era impresso em Londres por Hipólito da Costa, por ser de oposição), mas também às precárias condições técnicas locais. Além disso, ela alude às restritas dimensões de nosso leitorado, o que, não deixando de ser verdade, talvez fosse um motivo menor se comparado aos demais, uma vez que a crescente demanda pelos periódicos, ainda que tímida, já era significativa.

A tendência não parou por aí e, do Império à República, além das revistas de moda, edições ilustradas eram produzidas fora das fronteiras nacionais brasileiras, sobretudo Paris, para somente depois ganhar o mercado lusófono. Outros exemplos são dados pela autora, como *A Revista Moderna* (Paris, 1897), *Revue du Brésil* (Paris, 1896), *Ilustração Brasileira* (Bordéus/Paris, 1901), *France et Brésil* (Bordéus,

³² AZEVEDO, Sílvia Maria. *Brasil em imagens* – um estudo da revista Ilustração Brasileira (1876-1878). São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

³³ Um exemplo da sátira feita muito precocemente pode ser dado pela revista *Semana Ilustrada* (RJ, 1860-1875), do alemão radicado no Rio de Janeiro Henrique Fleuiss, o qual ironizava alguns símbolos de civilidade e modernidade propagados pelo ideário francês.

1906) e revistas brasileiras inspiradas na matriz francesa como a *Revista Ilustrada* (RJ, 1876-1898) entre outras. O que nos faz supor que não só as restrições técnicas, mas a marcada francofonia no Brasil tenha sido decisiva para a escolha de Paris como referência ou local de impressão desses veículos,³⁴ o que contribui para a formação do que chamamos de espaço midiático francófono.

Paralelamente à importação de periódicos e ao desenvolvimento da produção nacional, as revistas em língua francesa publicadas no Brasil também encontraram espaço como *L'Écho Français* (1838-1839) ou a *Revue Française* (1839-1840) vistas acima. Elas eram, porém, ainda muito rudimentares na composição textual e tinham quantidade reduzida de conteúdo local. Praticamente só “passavam em revista” periódicos estrangeiros. No catálogo da Biblioteca Nacional podemos ver vários exemplos de periódicos franceses publicados no Brasil e alguns deles podem ser consultados.³⁵

Outras iniciativas locais do gênero surgiram já no século XIX e se destaca nesse panorama a *Ba-ta-clan – chinoiserie franco-brésilienne*,³⁶ publicada no Rio de Janeiro entre 1867 e 1871 por Charles Berry, e que trazia farta ilustração, além de ensaiar ideais da modernidade, então em alta em Paris, e que transparece nos seus textos em grande parte relativos a assuntos das artes dramáticas, sempre comparando com o Brasil, servindo como mediador entre os dois lados do Atlântico. Tinha como *Bureau du Journal* a livraria MM. Fauchon et Dupont, libraires³⁷ e contava com a maior rede de distribuição que um periódico francês publicado no Brasil tinha até então, superando várias publicações nacionais. No Rio também era vendida por Leuzinger, Garnier, Lombaerts, Bucharth & Auberti; por Garraux, em São Paulo; por Lailhacar em Pernambuco; pela viúva do livreiro Marcus, em Porto Alegre; por Joaquim José de Oliveira, no Ceará; por Costa et Richard em Santa Catarina; e por J. T. Crehuet em Pelotas, cidade do Rio Grande do Sul. Além disso era distribuída em Paris por Lacroix, Verboeckhoven et Ce., Librairie Internationale, Bordeaux por Morin et Ce. e M. E. Fouaignan da Librairie Moderne. Esse esquema de distribuição também contribuía para a formação de uma rede francófona que integrava vários estados brasileiros entre si, bem como o Brasil com Paris e outras regiões da França, fechando o ciclo das revistas francesas que conectavam pessoas, imaginários e continentes.

Ainda no século XIX, temos outros exemplos de periódicos franco-brasileiros que se autodenominavam revistas, como a *Revue commerciale, financière et maritime de la Place et du Port de Rio de Janeiro* (RJ, 1882-1885) que passa a ser chamada de *L'Étoile du Sud* (RJ, 1885-1904). Entre 1887 e 1888 é publicada em São

³⁴ MARTINS, A. L. *Revistas em revista, Op. cit.*, p. 47-93.

³⁵ Esse é o único caso de pesquisa que não fizemos em catálogos antigos. Tomamos como pressuposto que, uma vez publicados no Brasil e fartamente anunciados em jornais de época, a pesquisa em um catálogo atualizado bastaria para levantar os títulos franceses publicados no Brasil que estavam disponíveis para os leitores da época.

³⁶ Há mudança de subtítulo em 1868 “journal satyrique” e de 1869-1871 “journal satyrique illustré”.

³⁷ Na Rua Gonçalves Dias, 75, mudando depois para Rua do Hospício, 133.

Paulo a *Revue Française de la province de S. Paulo*. Em 1894 é publicada uma revista especializada no Rio de Janeiro, a *Revue Médico-chirurgicale du Brésil* de acordo com a *Bibliographie Brésilienne* de A. L. Garraux e *La Petite Revue - financière, économique, commerciale et littéraire* (SP, 1902). Mais dedicadas às questões mercantis e de finanças, nenhuma delas, porém, traz os signos da modernidade tão marcados quanto a mais longeva publicação francesa no Brasil do século XX, a *Revue Franco-Brésilienne et des intérêts alliés* de Émile Lambert, publicada no Rio de Janeiro entre 1909 e 1922, mensalmente e com quarenta páginas. Destacando os temas ligados à Guerra, de forte acento anti-germânico, essa revista mensal abre sua primeira página com uma alegoria que bem simboliza a integração entre os dois países, dada pelo telégrafo e a ação de agências como a Havas.³⁸



Figura 3. No primeiro plano, vemos na alegoria duas mulheres representando as Repúblicas francesa (Marianne), segurando com uma das mãos o barrete frígio, e a brasileira (nela inspirada), segurando o Brasão da República. Ambas ostentam na outra mão um maço de louros, símbolo de vitória e glória, ligadas pelo que parece ser uma flâmula onde se lê “Pax - Labor” (Paz - Trabalho). No segundo plano, as paisagens com os símbolos da Torre Eiffel e do Pão de Açúcar, simbolizam as capitais das duas nações, ligadas pelos fios de telégrafo que saem de um par de postes, ao fundo. Trocas culturais, modernidade técnica e francofonia ilustram a integração entre os dois países.

Modernismo e francofonia

Não temos notícia de outras revistas francesas publicadas no Brasil no início do século XX, além da carioca *Revue Franco-Brésilienne et des intérêts alliés*, e os catálogos de assinaturas de periódicos importados tornaram-se mais raros. Ainda assim, é possível ver como referências a títulos de revistas francesas chegavam pelos veículos de imprensa. O último grande editor francês no Brasil, Eugène Hollender, editor do jornal *Le Messenger de St. Paul* (SP, 1901-1922)³⁹ indicava em 1901 a recepção de jornais franceses do Rio, como *L'Étoile du Sud*, a revista *Spirite* de Porto

³⁸ GUIMARÃES, V. Du paquebot au télégraphe, *Op. cit.*, p. 155.

³⁹ O jornal brasileira o nome para *Le Messenger de São Paulo* a partir de 1903.

Alegre, ou o jornal franco-grego *Le Progrès*, de Atenas, além de anunciar para venda jornais franceses e europeus em geral, a serem retirados no escritório da redação.

Grande incentivador da francofonia no Brasil, Hollender era ele próprio parte de uma rede de homens de letras muito ativos na imprensa periódica brasileira. Isso comprova que as trocas culturais eram intensas entre franceses e brasileiros. Ele fazia parte de um grupo ligado ao modernismo no Brasil, como Monteiro Lobato, M. De Picchia, Voltolino e estava sempre conectado à França pelo grupo que colaborava em seu jornal. Muitos de seus colegas irão participar das novas revistas ilustradas e mundanas que chegavam ao mercado brasileiro e que deram novo fôlego à imprensa revisteira, animando o século que chegava.

As novas propostas estéticas encontraram nas revistas suporte privilegiado de difusão. O ápice da francofonia na imprensa mundial parece ter sido vivido no século XIX, uma vez que os padrões americanos avançavam como nova referência, mas a imprensa nacional, marcada pela herança francesa, não dava sinais de ter abandonado o estilo francês.

Seções como o folhetim e variedades (da crônica literária aos *faits divers*), característicos da imprensa hexagonal, fórmulas de sucesso mundial, estavam cada vez mais presentes em revistas⁴⁰ e jornais brasileiros. Mais ainda que o folhetim, foi a crônica e os *faits divers* que abriram espaço para o estilo moderno, que pode ser notado também nas novas artes gráficas, na adoção de novas técnicas de impressão e nos temas abordados a traduzir a nova sensibilidade pulsante das cidades que se urbanizavam em ritmo acelerado, como Rio e São Paulo.

Um dos poucos catálogos de livreiro que encontramos nesse período foi o de Victor Marks. Em 1909, anunciava no jornal carioca *Gazeta de Notícias* mais de 80 periódicos para assinatura, sendo mais de 50 no idioma francês. Ele era proprietário da Casa Victor, fundada no Rio de Janeiro em 1904, que se identificava como Agência Internacional de “assinaturas e venda avulsa de todos os jornais e revistas inglesas, francesas, italianas, alemãs, espanholas e portuguesas”. Ao contrário do livreiro Garraux que não se responsabilizava pelos extravios decorrentes da falha de entrega pelos correios, Victor Marks advertia que “em caso de extravio entrega-se outro exemplar”. Sua eficiência como agente, enfatizada na publicação desse grande catálogo, era atestada logo no início do anúncio: “Para provar sua correção e seriedade, expõe o registro de assinantes, o qual acusa até a data presente 17.632 assinantes das diversas Revistas Estrangeiras, das quais é representante e agente”. Entre os clientes estavam “Bibliotecas e redações de jornais da Capital e nos demais Estados”.

O livreiro designava suas mercadorias genericamente, no título do catálogo, como “revistas estrangeiras” sem critério de distinção entre jornal, revista, moldes de corte e costura e figurinos. Discriminava vários títulos em listas que são seguidas por indicações genéricas como “Jornais diários; Jornais humorísticos e críticos de Paris”,

⁴⁰ Artigo de Mário de Andrade, artigo da Artcultura – faits divers de crime

o que multiplica o número de periódicos ofertados por esse estabelecimento. Ele parecia preocupado com a concorrência, pois fazia questão de colocar um lembrete no fim do catálogo, um N. B. (Nota Bene) “Não confundir esta casa com outra ao lado!”.

Entre as revistas francesas que ele disponibilizava, vários eram títulos já bem conhecidos do leitor brasileiro como a recorrente *Revue des Deux Mondes*, *L'Illustration*, *Le Monde Illustré*. Mas havia novidades como *Je sais tout* (1905-1939), *Sélecta* (1906- ?), *Revue Bleue et Rose* (1863-1970). Nesse último caso, na verdade, são duas revistas do mesmo editor, a *Revue Bleue - Revue Politique et Littéraire* cuja capa é azul e a *Revue Rose - Revue Scientifique*, com capa rosa. Publicações muito conceituadas, eram coletâneas de referência em suas áreas, fundadas por Eugène Yung em 1863 e dirigidas por Paul Flat nos primeiros decênios do século XX. Com mais de 800 páginas, duas colunas, sem ilustração, trazendo conteúdo político e literário, com muitas resenhas de livros, podia ser incluída no grupo das revistas *savantes*.



O conteúdo era dividido em verbetes e textos mais longos, com colaboradores de várias áreas que também escreviam em outros periódicos científicos.

Figura 4. Anunciadas pelo livreiro Victor Marks como *Revue Bleue et Rose* (1863-1970), eram, na verdade, duas revistas do mesmo editor, a *Revue Bleue - Revue Politique et Littéraire* cuja capa é azul e a *Revue Rose - Revue Scientifique*, com capa rosa. Publicações muito conceituadas, eram coletâneas de referência em suas áreas, fundadas por Eugène Yung em 1863 e dirigidas por Paul Flat nos primeiros decênios do século XX. Tinham grande prestígio entre a intelectualidade brasileira.

Elas não constavam dos catálogos de livreiros anteriores. Encontramos referência a esse título no antigo Catálogo da Biblioteca do Senado Federal, de 1898 e no catálogo *Registo de Jornais e Revistas- São Paulo - 1911 a 1934*, que é o antigo catálogo de entradas de periódicos da Biblioteca Pública do Estado de São Paulo cujo acervo foi encampado pela Biblioteca Mário de Andrade, com algumas poucas falhas. Victor Marks tinha sido o único livreiro a anunciar, entre os catálogos que achamos, *revue savantes* no estilo da *Revue Bleue* e, como ele fornecia para bibliotecas, é possível supor que ele visasse um público que passava a se interessar por outro estilo de revista erudita que não a sempre recorrente *Revue des Deux Mondes*. A *Revue*

Bleue simbolizava essa nova abordagem das revistas, com maior espaço à crítica literária e artística de vanguarda, e que parecia ter cada vez mais espaço entre certos leitores brasileiros, como Lima Barreto⁴¹ e Eduardo Prado.⁴²

De toda maneira, Victor Marks, como comerciante, dava maior espaço às revistas de cunho comercial. A maioria dos títulos de seu catálogo eram de revistas ilustradas e de moda, não tendo largo espaço para as revistas literárias, científicas ou profissionais, salvo as acima descritas. Publicações que evocavam a modernidade nas suas relações com urbanidade, como moda e comportamento, eram as que dominavam seu catálogo, com títulos que traziam fórmulas inovadoras como a *Je sais tout – magazine encyclopédique illustré* (Paris, 1905-1939) de Pierre Lafitte, mesmo editor de *La Vie au grand air* (Paris, 1898-1922), famosa revista de esportes da época. Lafitte era jornalista esportivo e soube como ninguém sintetizar em suas publicações as aspirações dos novos tempos. Variedade e velocidade são dois elementos que se reuniram nas revistas ricamente ilustradas desse apaixonado pelo ciclismo e que se tornaram sucesso internacional, espécie de precursoras das enciclopédias ilustradas. O esporte é um dos elementos centrais da sensibilidade modernista⁴³ e será tema recorrente nas revistas francesas encontradas nos catálogos que estavam disponíveis ao público brasileiro.

Esses títulos ofertados pelos catálogos, alguns deles de circulação e leitura comprovadas pelos testemunhos arrolados, teve efeitos sobre a produção local desde o século XIX como temos visto, fenômeno que persiste nas primeiras décadas do século XX:

O modelo francês de revista, já aprovada até por sua tradição, inspirou os lançamentos da Capital econômica do País (São Paulo), que iniciava a diversificação de suas temáticas periódicas, sinalizando comunidades consumidoras e leituras específicas. Fórmula pronta, mercado garantido, presidido pela padronização do gosto internacional, conforme sugeria a produção editorial francesa.⁴⁴

Revistas brasileiras como *A Cigarra*, *Fon-Fon*, entre outras, copiavam e/ou adaptavam a matriz francesa em busca de público. Algumas, como a *Eu Sei Tudo – magazine mensal ilustrado – científico, artístico, histórico e literário* (RJ, 1917-1958) eram empreendimentos que evocavam diretamente a matriz,⁴⁵ não sendo, porém, mera reprodução. No exemplar de setembro de 1917, por exemplo, é publicada uma

⁴¹ “Sobre os negros, em geral, e principalmente sobre as populações coloniais da Ásia e Oceania, é bom ver a *Revue Scientifique*, de julho de 1906. M. Louis Lapique”, BARRETO, Lima. *Diário Íntimo* - Memórias. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1961, p. 146.

⁴² MARTINS, A. L. *Revistas em revista*, *Op. cit.*, p. 99.

⁴³ SEVCENKO, N. *Orpheu extático na metrópole* – os frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. VELLOSO, M. P. As distintas retóricas do moderno, *Op. cit.* É em *Je sais tout* que sai o romance de Maurice Leblanc, *Arsène Lupin, gentleman-cambrioleur*, sucesso mundial em sua época, depois vendido em suporte de livro de edição popular pelo próprio Lafitte, a essa altura já um “Patron de presse”. Nessa revista também publicaram Arthur Conan Doyle e vários autores de ficção científica.

⁴⁴ MARTINS, A. L. *Revistas em revista*, *Op. cit.*, p. 92.

⁴⁵ MARTINS, A. L. *Revistas em revista*, *Op. cit.*, p. 96.

tradução do então famoso romance de Maurice Leblanc, *Arsène Lupin, gentleman-cambrioleur*, com uma explicação dada pelo editor brasileiro. Algumas imagens de 1906 de Santos Dumont e da *Demoiselle* em Paris, foram reproduzidas da edição francesa na edição de setembro de 1922. Ela circulava em outros países também, como nos Estados Unidos com o nome *I know everything*.

As revistas *La Vie au grand air* e *Je sais tout* não fazem senão mais que aperfeiçoar a fórmula de *l'Univers Illustré* (Paris, 1858-1912), *L'Illustration* (Paris, 1843-1944), *Le Monde Illustré* (Paris, 1857-1956), incorporando elementos da modernidade técnica. Todas velhas conhecidas do leitor brasileiro e presentes nos catálogos que encontramos. Enquanto que no *Univers Illustré* as seções são mais restritas e genéricas, nas novas revistas, elas se multiplicam e incorporam novas rubricas.

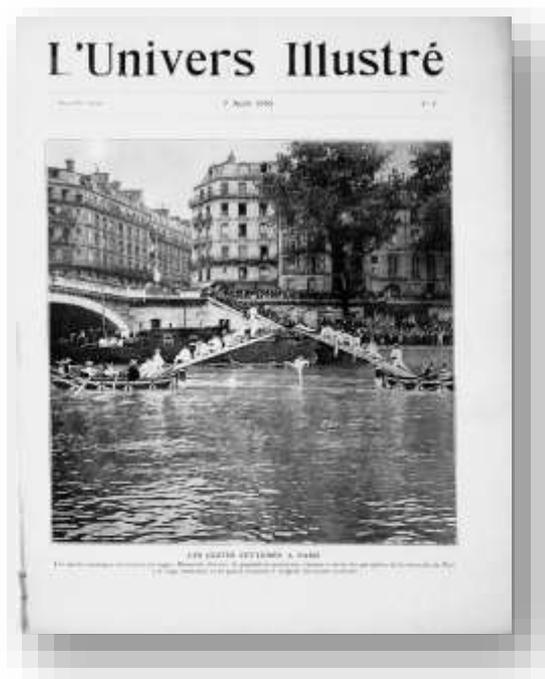


Figura 5. Revistas brasileiras como *A Cigarra* adotam o mesmo estilo de *L'Univers Illustré* (07/08/1910). Na legenda, o anúncio da volta dos esportes náuticos.



Figura 6 e 7. A revista *La Vie au Grand Air* inspira a brasileira *Fon-Fon*. Na edição acima, vemos homenagem ao célebre brasileiro Santos Dumont em 21/08/1909: “Le célèbre sportman est surtout un précurseur”, diz a legenda.

Acervos públicos e catálogos de bibliotecas

Os catálogos de bibliotecas apresentam uma lógica diversa dos catálogos de livreiros. Essas coleções eram ordenadas conforme a especialidade do acervo e os bibliotecários deveriam visar um público mais restrito. Porém, no caso de bibliotecas públicas como a Biblioteca Nacional (RJ), Biblioteca Pública do Estado de São Paulo e a Biblioteca Municipal de São Paulo, o bibliotecário deveria fornecer um amplo espectro de escolhas – é o que notamos ao comparar os catálogos das referidas bibliotecas nacional, estadual e municipal com os da Biblioteca da Marinha (RJ) ou da Faculdade de Direito (SP).

As escolhas ligadas à conservação também obedecem à lógica de seu tempo e nem sempre o que estava anunciado pelos livreiros era preservado pelos bibliotecários. No geral, nos catálogos de biblioteca ofereciam mais revistas *savantes*, abarcando várias áreas, ao lado de revistas técnicas e de ramos profissionais específicos, respondendo às especificidades de cada instituição. É então que vemos a ação de mediadores, como os bibliotecários, de forma marcante: suas escolhas definirão o que era visto como merecedor de ser conservado e que acaba chegando até nós (quando não há extravios), enquanto que nem sempre o que estava anunciado pelos livreiros ou pelos jornalistas que recebiam e vendiam exemplares estrangeiros na redação pôde ser encontrado. Para traçar um perfil da leitura de periódicos de uma época, portanto, não é possível recorrer apenas ao que se pode encontrar nos acervos atualmente, daí a importância do trabalho com catálogos antigos. Mas se já é difícil encontrar antigos catálogos de livreiros, os de bibliotecas são ainda mais escassos, pois são periodicamente substituídos por novas bases de dados que excluem os registros anteriores e, com eles, as datas de entrada do material que nos assegura o período em que este estava disponível ao leitor da época.

Daí a importância do material que encontramos na Biblioteca Mário de Andrade, de São Paulo, com a ajuda do bibliotecário William Okubo. São dois grandes livros de registro de entrada de periódicos das bibliotecas que deram origem à atual, com campos que discriminam título, cidade de origem idioma de publicação entre outros dados preciosos para o historiador, mas que, por uma política de conservação que não privilegiava tais vestígios, foram preteridos e não constavam em nenhum cadastro da biblioteca. São eles o catálogo da *Biblioteca Pública do Estado – Registro de Jornais e Revistas – São Paulo* (1911-1925) e o catálogo da *Biblioteca Pública Municipal de São Paulo – Seção de Publicações Periódicas* (1926-1934).

A história desses catálogos remonta ao ano de 1894, quando o então Secretário do Interior de São Paulo Cesário Mota defendeu a criação da Biblioteca Pública do Estado, efetivamente criada em 26 de agosto de 1895, pela lei estadual 351. Somente em 7 de abril de 1896 foi aberta ao público, sob a direção de Jerônimo Azevedo, provavelmente o mesmo livreiro citado por Nelson Werneck Sodré⁴⁶ cujo estabelecimento localizava-se à rua Direita, na mesma época de Garraux, em fins do

⁴⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. RJ: Mauad, 1999, p. 227.

século XIX. Em 1912, há registro de 40 mil consultas.⁴⁷ É nesse ano que a biblioteca passa a ficar aberta ao público das 8 às 22 horas e há um aumento de quatro para quinze funcionários, entre os quais deveria estar o zeloso bibliotecário que anotava minuciosamente a entrada dos periódicos. Os livros estão divididos em dois períodos: até 1925, o título é Biblioteca do Estado. Entre 1926 e 1934, o catálogo aparece como pertencente à Biblioteca Municipal. Esta foi criada graças aos esforços de Luciano Gualberto, então vice-prefeito, e se constituiu a partir do acervo da Câmara Municipal, com a liberação adicional de 100 contos de réis para a compra de livros e revistas.⁴⁸ A biblioteca municipal é finalmente aberta em 1926, sob direção de Eurico de Góis “baiano de muitas letras”, na rua Sete de Abril, no centro de São Paulo. Consta que as consultas chegaram a 70 mil e a coleção, a 80 mil volumes. Com a formação do Departamento de Cultura e Recreação da Prefeitura em 1935, tendo Mário de Andrade à frente do setor de bibliotecas, a Biblioteca Municipal passou a integrar a Divisão de Bibliotecas⁴⁹. Em 1937, a antiga Biblioteca Pública do Estado estava “esquecida no velho casarão da Praça João Mendes, cujos degraus rangiam sob o passo dos reduzidos leitores”.⁵⁰ Segundo Maria José Lessa da Fonseca, quando da mudança do acervo da Biblioteca Pública do Estado para a nova Biblioteca Municipal, o acervo de periódicos apresentava 248 jornais e 1287 revistas, perfazendo 1535 volumes. Com base nos registros do nosso primeiro catálogo, que corresponde a esta coleção, contamos 1980 periódicos no total (jornais e revistas), o que leva a crer que na mudança foram descartados ou extraviados 535 volumes.

De fato, o funcionário que registra a entrada dos periódicos alerta em 31 de dezembro de 1914, em uma observação no próprio catálogo:

Devido à falta de espaço no prédio ocupado pela Biblioteca, todos os anos temos sido forçados a não conservar as coleções de jornais e periódicos do interior do Estado e alguns outros que não são procurados pelo público. É esta a razão por que figuram tão poucos jornais neste registro, que é destinado somente às revistas e jornais que a Biblioteca conservará sempre devidamente catalogados.

Ao mesmo tempo, é possível perceber que as escolhas que resultam na conservação estavam também vinculadas aos perfis de seus bibliotecários. O primeiro fundo, pertencente à Biblioteca Pública do Estado (1911-1925) deve ter sido formado sob os auspícios de Jerônimo Azevedo. E o segundo catálogo, já correspondente à coleção da Biblioteca Municipal (1926-1934), deve ter tido a supervisão de Eurico de Góis, seu diretor. Um, se estivermos certos, era um livreiro. Outro, um político e homem de letras ligado às elites literárias, colega de Eduardo Prado e mais conhecido pela proposta de mudança da bandeira nacional.

⁴⁷ FONSECA, Maria José Lessa da. Bibliotecas de São Paulo In: TAUNAY, Afonso de Escragolle et alli. *São Paulo em quatro séculos* – 2º vol. São Paulo: Obra comemorativa – IHGSP/Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, p. 341.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 342.

⁴⁹ Antes era parte da Secretaria da Câmara Municipal.

⁵⁰ FONSECA, M. J. L. Bibliotecas de São Paulo, *Op. cit.*, p. 343.

Muitos dos títulos destes fundos coincidiam com o que estava anunciado pelos livreiros, sobretudo no primeiro catálogo (1911-1925). Ao lado de títulos mais comerciais, que difundiam o imaginário da modernidade técnica, que vimos acima, começavam a aparecer alguns títulos mais ligados aos movimentos de vanguarda, no segundo catálogo (1926-1934) que, como é sabido, também tiveram importante papel no diálogo que nossos modernistas tentam estabelecer com as novidades estrangeiras, em que Paris ainda ocupa lugar central. Portanto, se de um lado a modernidade estava bem representada por veículos de cunho comercial, como as revistas de moda e ilustradas em geral, nos catálogos de livreiros, as *petites revues* só encontraram um espaço mais efetivo nos acervos públicos.

A revista *Mercure de France*, referência que inspira Lima Barreto na sua *Floreal*⁵¹ nos idos de 1907, conhecida como a *Revue des Deux Mondes des jeunes* e reduto da vanguarda francesa, continua referência obrigatória da elite ilustrada do modernismo, a julgar por sua presença no segundo catálogo, pertencente à Biblioteca Municipal dirigida por Enrico de Góis, em todos os anos, ou seja, de 1926 a 1934. Esse mesmo catálogo trazia muitas outras revistas de crítica de arte, entre elas *L'Art et les artistes* (entre os anos de 1928 e 34), *La revue de l'art* (nos anos de 1926; 1928-1934), a já citada *Revue Bleue* (entre os anos de 1911-32) entre outras. Há ainda aquelas que se alinhavam mais ao espírito da vanguarda artística e política como *La Nouvelle revue socialiste* (entre os anos de 1927-1930), *La Nouvelle revue française* (entre os anos de 1927-1930), entre outras.



Figura 8 e 9. Na revista *La Nouvelle Revue Française* (1 mai. 1925), trazia a vanguarda francesa com Paul Claudel, Paul Valéry, André Gide e muitos outros enquanto que em *La Nouvelle Revue Socialiste* (15 jul. 1927) era possível ler o artigo de Lévi-Strauss *Une nouvelle tendance dans socialisme belge*. Ambas estavam disponíveis para a leitura de brasileiros na antiga Biblioteca Municipal de São Paulo.

La Nouvelle revue française, que trazia colaboradores como André Gide, Blaise Cendrars, Marcel Proust entre outros, era citada com frequência na revista de vanguarda brasileira *A Estética* (RJ, 1924-25) de Prudente de Moraes Neto e Sérgio

⁵¹ GUIMARÃES, V. Floreal: uma iniciativa radical. Site Biblioteca Brasileira Guita e José Midlin (USP) [verbete], disponível em <https://www.bbm.usp.br/node/138>.

Buarque de Hollanda e já era recomendada na *Klaxon*, entre 1922 e 23.

Outra importante revista de vanguarda que estava presente nesse catálogo era a *Revue de l'Amérique Latine* editada em Paris entre 1922-1932 por Ernest Martenche e Ventura García Calderón, e que estava no acervo de 1926 a 1932, ou seja, a coleção começa a ser feita na Biblioteca Municipal sob Eurico de Góis. A importância dessa revista é bem conhecida, por arregimentar modernistas europeus e latino-americanos como Miguel Angel Asturias, ou que tiveram relação direta com o Brasil, como Blaise Cendrars, e por ter tido a participação do brasileiro Sérgio Milliet, que em 1925 nela publicou a tradução de *Um suplício Moderno* de *Urupês* de Monteiro Lobato, originalmente de 1918. Nessa mesma revista vai parecer em 1923 a conferência proferida por Oswald de Andrade na Sorbonne *L'effort intellectuel au Brésil contemporain*, que depois será publicada na *Revista do Brasil* de Monteiro Lobato,⁵² completando o ciclo bem integrado de um grupo de intelectuais em torno das revistas modernistas brasileiras e francesas que circulavam no Brasil e que estavam disponíveis à leitura nos acervos da Biblioteca Municipal, como nos revela o segundo catálogo.⁵³

A circulação e presença dessas revistas em nossos acervos talvez possa ter exercido a função de legitimar as novas propostas estéticas nacionais. A publicação de obras brasileiras traduzidas para o francês em revistas de tal repercussão internacional conferia prestígio e autoridade ao que era feito no Brasil, ajudando a configurar a nova proposta de identidade nacional que os modernistas tentavam estabelecer, em um jogo de alteridade/identidade que caracteriza as trocas culturais transnacionais. A continuação da *Revue de l'Amérique Latine*, sob a responsabilidade de Charles Lesca, é absorvida pela revista política de esquerda *Frontières – revue mensuelle de politique étrangère*, de André Nicolas e A. de Soulé, também estava presente no acervo pesquisado no ano de 1934.

Figura 10. A revista política de esquerda *Frontières: revue de politique étrangère* absorveu a *Revue de l'Amérique Latine*, que, sob a responsabilidade de Charles Lesca, publicou brasileiros como Sérgio Milliet, o qual verteu várias obras do modernismo brasileiro para o francês e publicou nesta revista. Esse percurso de *retour*, em que obras brasileiras figuram em revistas francesas, completam o ciclo da francofonia além de conferir legitimidade ao projeto modernista nacional.



⁵² Para a importância de Sérgio Milliet como mediador entre Brasil e França no contexto do modernismo, ver: SILVA, Renata Rufino da. *Sérgio Milliet: um projeto modernista de literatura, entre o Brasil e a Europa*. Anais da 27ª ANPUH, 2013. Para um estudo sobre a *Revista do Brasil* ver LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação*. São Paulo: Unesp, 1999.

⁵³ Não é de se estranhar, portanto, que dando sequência à administração de Enrico de Góis e Rubens Borba de Moraes, Sérgio Milliet estará entre os diretores da Biblioteca Mário de Andrade (que absorverá o acervo das Bibliotecas Estadual e Municipal), configurando-se em torno desta Biblioteca o grupo modernista de São Paulo.

Entre os catálogos que achamos, portanto, o que melhor traduz a incursão pelo modernismo no Brasil é o da Biblioteca Municipal paulista, enquanto nos catálogos de livreiros predominavam títulos mais comerciais.

Considerações Finais

Percorremos um longo caminho para mostrar como a francofonia por meio dos periódicos se fazia presente desde antes da atividade impressa ser legalizada no Brasil. Tal trajetória consolidou a presença marcante das matrizes e ideais franceses na imprensa nacional, em um processo descontínuo e que tomou várias direções, ainda que numa relação sabidamente assimétrica dado o papel de centro cultural exercido pela França no longo século XIX, que se estendeu ainda, pelo menos, pela década de vinte afora no Brasil.

A pesquisa em catálogos embora não tenha intenção de ser um mapeamento exaustivo, nos confere a possibilidade de entrar em contato com os poucos vestígios dessa prática de leitura, ao nos dar acesso a registros de circulação, em geral tão escassos, deixados pelos intermediários perdidos da leitura, como se refere Darnton. E assim, foi possível vislumbrar um pouco da galeria francesa de imagens, textos, valores e ideias que se sucederam no tempo, difundindo os valores de uma modernidade que é histórica, e que esteve no âmago da composição de nossa identidade.

O imaginário parisiense, do vestuário à urbanidade, dos costumes ao gosto literário, circulava nessas publicações nacionais que eram vendidas ao lado dos impressos importados. Todavia pode-se alegar que tal recepção não é homogênea, que há resistências ao modelo francês, afinal as transferências culturais não se dão apenas pela via da absorção passiva de referências estrangeiras.⁵⁴ Se a predominância de títulos franceses nos catálogos mostra que a francofonia era expressiva, sobretudo no âmbito das revistas, a crítica a tais padrões de civilidade deslocados para o Brasil também pode ser vista como um sintoma da preponderância desses valores, pois acaba utilizando os mesmos elementos como referência.

Afinal, como toda empresa periodística, os veículos guardam relações intrínsecas com os grupos que representa,⁵⁵ o que faz com que as representações estrangeiras se reconfigurem no projeto de modernidade encampado pelas nossas elites, seja na tentativa de impressos locais reproduzirem modelos com o fim de propagar ideais nem sempre a par com o contexto histórico local, seja como palco de legitimação para projetos, como o foi o modernismo.

*Artigo recebido em 15 de agosto de 2016.
Aprovado em 16 de novembro de 2016.*

⁵⁴ ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris: PUF, 1999.

⁵⁵ Como bem demonstrou Antonio Dimas na sua análise da revista *Kosmos*. DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos*. São Paulo: Ática, 1983.